

Igor Luiz Rodrigues da Silva

**HÁ UM RIO QUE MERGULHA EM MIM:
ENSAIO SOBRE A MULTIPLICIDADE DE
CAMINHOS, VIDAS E EXPERIÊNCIAS NO
RIO SÃO FRANCISCO (ENTRE ALAGOAS E
SERGIPE) E OUTRAS ANTROPOLOGIAS¹**

**THERE IS A RIVER THAT PLUNGES ME:
AN ESSAY ON THE MULTIPLICITY OF
PATHS, LIVES AND EXPERIENCES ON
THE SÃO FRANCISCO RIVER (BETWEEN
ALAGOAS AND SERGIPE) AND OTHER
ANTHROPOLOGIES**

¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

RESUMO

Este texto está sendo elaborado a partir da vivência que tenho estabelecido com o Rio São Francisco, objeto de pesquisa do doutorado. A partir do que propõe Ingold (2015), os sentidos dessas abordagens em relação ao Rio São Francisco e a antropologia estão implicados na capacidade de desenvolver e articular paisagens com práticas, através da memória, do que se observa e é experienciado. Bem como, habilidades, em contato com água, em um passeio e construção de uma canoa, no jogar de uma rede de pesca, no contato com os peixes, proporcionando engajamentos que condicionem, em primeiro plano, os processos ao invés dos resultados. Além do mais, espera-se que o pesquisador, a partir das suas próprias capacidades técnicas, com hábitos, possa estar engajado e produzindo narrativas a partir dos usos que se faz do seu corpo em ambientes diversos. Nessa aventura junto às águas do Velho Chico, seguindo a perspectiva de Mol (2002), buscase não estabelecer padrões de hierarquia, mas antes compartilhar a vida e os moldes de se perceber ao longo do caminho. Pretendo produzir uma narrativa antropológica sobre uma fatia da multiplicidade que compõe o mundo de ser do Rio São Francisco.

PALAVRAS-CHAVE: Rio São Francisco; Paisagem; Memória.

ABSTRACT

This text is being elaborated from the experience that I have established with the São Francisco River, object of doctoral research. From what Ingold (2015) proposes, the meanings of these approaches in relation to the São Francisco River and anthropology are implicated in the ability to develop and articulate landscapes with practices, through memory, of what is observed and experienced. As well as skills in contact with water, walking and canoeing, throwing a fishing net, contact with fish, providing engagements that condition processes rather than results in the foreground. Moreover, the researcher from his own technical skills, with habits, can be engaged and producing narratives from the uses of his body in different environments, this adventure along the waters of the Old Chico, experience shared by Mol (2005), not establishing hierarchical patterns, but rather sharing life and the ways of perceiving oneself along the way. I intend to produce an anthropological narrative about a slice of the multiplicity that makes up the world of being of the São Francisco River.

KEYWORDS: Rio São Francisco; Landscape; Memory.

INTRODUÇÃO (UM RIO MÚLTIPLO):

Muitos trabalhos científicos, na antropologia, são produzidos a partir de longos processos de reflexão, revisão bibliográfica, afinidades com uma variável gama de relações sociais que estão à disposição do pesquisador (a), estabelecendo contínuos modos de produzir ciência. Se é de acordo que a teoria social tem sempre um ponto de partida, é ela fruto da curiosidade e observação intelectual. No entanto, muitos trabalhos ao longo do desenvolvimento da antropologia também são produzidos através de sonhos, como é o caso da pesquisa que venho desenvolvendo no doutorado, cujos primeiros esboços estão, em partes, contidos neste trabalho.

Como afirma Marc Augé (2014), temas como a noite e sonhos são sempre recorrentes em trabalhos etnográficos, ao ponto de merecer ser aprofundado e tido como mais um mecanismo importante na compreensão dos mundos que os cercam, como chaves que abrem portas para o entendimento de realidades decodificadas, ou até mesmo ser o fio condutor na elaboração da pesquisa e desenvolvimento de uma escrita narrativa.

Porém, já adianto que este trabalho nasce fruto de sonhos, para ser mais exato, de um sonho ou de uma “outra modalidade de vida diurna, que por intermédio do sonho lhe dá continuidade, a interroga, a explica ou modifica.” (AUGÉ, 2014, p. 50), que emerge a partir das alternâncias cósmicas em que estou situado enquanto um ser vivente das práticas umbandistas. Embora eu já estivesse certo da construção de um projeto de doutorado que viesse a ser um olhar mais atento sobre as práticas dos pescadores que estão situados às margens do Rio São Francisco, na cidade de Pão de Açúcar, Alagoas, foi através do sonho que houve uma ampliação na proposta, em que o rio passa a ser um mundo vivo e carregado de signos e significado pronto para ser narrado e experienciado.

E como se apresentou o sonho? Prestes a apresentar uma primeira versão do projeto no Canoa/ PPGAS- UFSC, no dia 07 de junho de 2017, dias antes tive esse sonho: me vi sentado dentro de uma canoa e navegando pelo Rio São Francisco com um remo na mão, estava junto de mim dentro da canoa, um Preto Velho, que nessa jornada espiritual me acompanha e me envolve com seus sábios cuidados e conselhos. Negro, barba grande e branca, sem camisa, segurando sua bengala na mão, apontava para várias direções entre uma conversa e outra.

Em uma dessas direções apontadas pelo meu Preto Velho, a canoa está posicionada frente à comunidade quilombola de Mocambo, que se localiza na margem sergipana do rio, e é lá que se encontra a minha raiz familiar. Foi nessa comunidade que nasceu meu pai, seus irmãos e irmãs, de onde possivelmente é também o Preto Velho, um pescador cheio de histórias da escravidão e do próprio rio, ávido por contá-las.

No meu entendimento como umbandista, ciente que também as margens do rio São Francisco foram cenário de processos escravocratas, em especial na região onde está situada a comunidade quilombola Mocambo, mesmo que

moradores, ribeirinhos não percebiam ou neguem – até mesmo estejam em suas relações cotidianas tentando se desvincular de uma ancestralidade demarcada pelos cultos afro-brasileiros –, Pretos Velhos e os orixás fazem parte do cotidiano, dos caminhos e da vida das pessoas, dos lugares e dos ambientes, fazendo parte do mundo, habitando-os de formas diversas e também elaborando seus próprios processos de interversões e modificações das realidades vivenciadas.

Nesse processo de interação e descobertas, lembrei que, ao acordar, a única coisa que me veio à mente foi o seu nome, que até hoje mantenho em segredo até que de fato tenha a confirmação revelada no espaço sagrado do terreiro. Sua bengala ao apontar para algumas direções, em um rio cercado de vidas em movimentos e transformações, acaba por me mostrar que não existe apenas uma única maneira de descrever e narrar o rio, assim como que para pescadores, barqueiros, canoeiros, o rio não é o mesmo todas as vezes que se navega, pesca ou se utiliza da canoa para um passeio ou corrida.

Porém, busco olhar e contemplar seus aspectos, contrariando a lógica do dado e do feito, como definidores de tudo o que eu compreendo da realidade, quando na verdade a realidade, em uma perspectiva proposta tanto por Ingold (2015), como por Annemarie Mol (2002), é um projeto de realização contínua, fruto das relações entre as pessoas e das pessoas com as coisas, nos múltiplos processos de interações possíveis. Argumento então, que tanto o Preto Velho como os orixás são mediadores (RABELO, 2012), que colaboram, guiam, produzem conteúdos, argumentações e transformações nos rumos da vida, contribuindo assim para o desenvolvimento desta pesquisa, como foi demonstrado através do sonho.

[...] Os orixás são mediadores plenos na trama relacional – sua ação produz diferença no desenrolar dos eventos ou no sentido que neles circula. Estou aqui me apoiando em uma distinção proposta por Latour (2005) entre mediadores e intermediários: enquanto estes últimos são veículos através dos quais certos conteúdos são transportados (mas que em nada alteram esses conteúdos), os mediadores são entidades que participam elas mesmas da construção dos conteúdos que transportam, produzindo deslocamentos, traduções e transformações ao longo do percurso (RABELO, 2012, p.105).

Posto isso, além das relações estabelecidas com os humanos, com os não-humanos, é importante destacar mais uma cadeia de mediadores, os orixás e as entidades (Pretos Velhos, Caboclos) que estão diretamente ligados a mim e ao rio, agindo não como sombras ou projeções, mas como agentes. Ao situar os sonhos como elementos importantes na pesquisa, atendo-me ao fato de que tais sistemas de continuidade da vida após o sono só podem ser compartilhados através de uma “perspectiva não dualista, na qual o sonho e a vigília, o mental e o físico, o visível e o invisível se confundem [...]” (RABELO, 2014, p. 51), recorrendo a eles, como forma de compreender, lembrar ou reagrupar alternâncias do tempo histórico com o tempo presente, como uma espécie de “clarividente” (RABELO, 2014, p.

51), já que minha espiritualidade¹ cada vez mais acentuada me confere esse ato.

Neste sentido, antes tinha a ideia de realizar a pesquisa apenas nas cidades de Pão de Açúcar, Alagoas, e a parte da cidade de Porto da Folha, em Sergipe, que fica às margens do Rio São Francisco, porém assumi o desafio de ir além, de mergulhar nesse rio e deixar que suas águas me abracem, assim como uma mãe abraça seu filho, assim como Oxum, que é a orixá das águas doces, senhora do ventre e das nascentes protege todas e todos aqueles que dos rios fazem morada, fazem estrada, fazem caminho, porto e vida. Assim como Oxum (*Òsun*)² é nome de um grande rio que percorre o interior da Nigéria, que ao passo que vai percorrendo cidades, vilas e comunidades, é adorado, cultuado, reverenciado, recebendo várias denominações de acordo com as relações estabelecidas pelos moradores através de inúmeros mitos que ligam a Orixá ao seu rio. Algo semelhante acontece ao longo de todo o rio São Francisco, desde sua nascente em Minas Gerais até desembocar na foz entre os estados de Alagoas e Sergipe.

O rio São Francisco está dividido em quatro sub-regiões, de acordo com características geográficas, de clima e vegetação, dentre elas, está a região do Baixo São Francisco, que está compreendida entre os estados de Alagoas e Sergipe até a foz, no Oceano Atlântico, e no qual este projeto terá sua realização.

Antes de ser “descoberto” pelos Portugueses, pelo navegador Américo Vespúcio, em 04 de outubro de 1501, o rio era chamado pelos povos indígenas que habitavam a região – e que hoje continuam em um número muito reduzido – de *Opará*, que na linguagem do tronco tupi-guarani, significa Rio -Mar. É um rio que, antes mesmo de ser visto, descoberto e narrado pela história oficial, através dos relatos dos portugueses, dos viajantes europeus que por lá navegaram, viveu as narrativas exaltadas pelas tribos indígenas, seus encontros e conflitos, suas utilidades e transformações.

¹ Desde 2015 faço parte do Grupo União Espírita Santa Barbara (GUESB), que fica na cidade de Macaé. O GUESB, é uma entidade religiosa e social da Umbanda traçada com Nagô, tendo como referências a prática da caridade, do respeito, fé e irmandade. Sou um filho de Santo regido por Oxumaré, que também é um orixá que tem fortes ligações com rios, cachoeiras e o arco-íris. Em todo o terreiro, seja ele de Umbanda ou Candomblé, só pode haver um filho ou filha de Oxumaré, pois ele representa as transformações, o equilíbrio e a renovação dos ciclos da vida. “Tanto na África como no Brasil Oxumaré é o arco-íris. A serpente multicolorida que une o céu e a terra. É o orixá da flexibilidade, da mobilidade, e o senhor das forças que geram transformações e renovação. Ele simboliza a continuidade da vida, a descendência, a riqueza e a unidade de todas as formas de criação.” Assim, para nós que somos praticantes e iniciados nas religiões de matriz africana, os sonhos são importantes elementos de comunicação e continuidade de nossas práticas cotidianas dentro e fora do terreiro, eles são instrumentos que permitem renovar laços, traçar novos cursos nos processos de evolução e comunicação espiritual. Ver mais em: <http://mitologia-comentada.blogspot.com/p/ioruba.html>

² “*Òsun* é a divindade do rio do mesmo nome que corre no sudoeste da Nigéria. Originário de um número considerável de afluentes de fontes de água doce, denominadas de *Omi Òsun – Águas de Oxum*, emanadas das sagradas *Òkè Olosunta – Colinas de Olosunta* em Ikere – Ekiti State. Desemboca no lago Lekki Lagoon, uma imensa lagoa ligada a um canal, com pântanos de água cristalinas e uma parte cercada por praias, em Lagos – Nigéria. Da nascente à desembocadura, esse sagrado rio percorre um extenso território, e quase que em toda a sua extensão *Ìyá mí Òsun* é reverenciada, não só por seu nome próprio, mas sim por seus títulos e epítetos, os quais denomino os “Caminhos de Oxum”. Alguns dizem que o rio *Òsun* não é navegável, outros afirmam que os habitantes locais tem uma superstição que permite aos homens atravessá-los, mas não subi-lo ou descê-lo. Existe um tipo de milho que é considerado tabu para *Òsun* e nunca poderia ser levado à beira de seu rio, do contrário as chuvas deixariam de cair”. Disponível em: <http://oduduwaaremu.blogspot.com/2015/07/odoo-s-un-o-rio-oxum-o-s-un-e-divindade.html>. Acesso em 19 de novembro de 2018.

Bem antes dos processos históricos de ocupação e povoação colonial, há em muitos ambientes, encravados nas rochas e sítios rupestres, códigos de comunicação e transfiguração da realidade, deixados pelos índios e outros povos, como marcas de vidas sendo vividas e compartilhadas ao redor do rio. Durante muito tempo, o rio e seus afluentes exerceram a função de ligar cidades, povos e escoamento de produtos, transformando suas águas em vias hídricas que conectavam e davam acesso às comunidades, desenvolviam o comércio, possibilitavam a exploração.

Em Alagoas, 11 municípios fazem parte da região do Baixo São Francisco, (Delmiro Gouveia, Olho d'Água do Casado, Piranhas, Pão de Açúcar, Belo Monte, Traipu, São Brás, Porto Real do Colégio, Igreja Nova, Penedo e Piaçabuçu) fazendo fronteira com o estado de Sergipe, que possui 13 municípios compondo a região do baixo São Francisco (Canindé do São Francisco, Poço Redondo, Porto da Folha, Gararu, Nossa Senhora de Lourdes, Canhoba, Amparo do São Francisco, Telha, Propriá, Santana do São Francisco, Neópolis, Ilha das Flores, Brejo Grande), mas apenas alguns deles mantêm sua sede municipal às margens do rio, tanto do lado alagoano, bem como do lado sergipano, o que permitiu, ao longo do tempo, estabelecer conexões, contatos, fluxos contínuos de pessoas, produtos, animais e uma variedade de processos comunicativos e saberes.

Neste sentido, tomando emprestado o que Annemarie Mol (2002), chama de "*the body multiple*" (corpo múltiplo), como sendo um corpo produzido, evidenciando não o dado e o feito, mas antes seus contextos, suas dinâmicas, interações, suas relações, a partir dos encontros entre objetos, sujeitos e práticas, transporto tal conceito para este trabalho no intuito de tentar compreender o rio São Francisco a partir desse processo ontológico, em que o rio é um corpo múltiplo, carregado de múltiplas realidades, múltiplos ambientes e paisagens.

Encarar o rio São Francisco como um corpo múltiplo é apontar para o fato de que estou diante de um rio que produz processos de negociação, de enfrentamento, que dialoga com outros agentes que estão dispostos nas suas margens, produzindo consensos e controvérsias a seu respeito, a partir de observações em torno das paisagens que se modificam o tempo todo.

São nessas paisagens, aqui entendidas como construções moldadas a partir das relações estabelecidas pela população, através dos movimentos, que cada comunidade produz e se reproduz diante do contexto em que se encontram, conforme aponta Ingold (2015): "Paisagens assumem significados, e aparências em relação às pessoas, e as pessoas desenvolvem habilidades, conhecimento e identidades em relação às paisagens nas quais se encontram". (INGOLD, 2015, p. 198). As paisagens são vistas sob as diferentes interpretações, despertando seja no corpo coletivo ou no olhar individual, infinitas reflexões acerca do ambiente, como também salienta Marc Augé:

Uma paisagem desperta pois, duas espécies de memória: uma memória coletiva, inscrita na natureza ou nos monumentos; mas também memórias individuais, infinitas, reflexos das andanças ou das passagens de cada um e cada uma daqueles que tiveram a ocasião de contemplá-la: maravilhados por descobri-la ou por tê-la encontrado quando tão somente passavam por ela; habituados a decifrá-la e a interpretar suas menores variações ou seus mais discretos sinais quando nela trabalharam, com ela aprenderam e com ela forjaram uma experiência vital, como os montanheseiros, os marinheiros, ou os caçadores-coletores; ou deslocando-se no meio dela com uma desenvoltura costumeira quando nela viveram por toda uma vida, e de tempos em tempos param para contemplá-la, como se folheassem um álbum de lembranças. (AUGÉ, 2014, p. 48-49).

Desde que D. Pedro II fez uma breve passagem pela região do rio, entre os estados de Alagoas e Sergipe, até chegar à cachoeira de Paulo Afonso na Bahia, em 1856, que o “Velho Chico”, vem sendo alvo de projetos estruturais que dizem promover o desenvolvimento, provocando modificações no cotidiano das populações locais, pois os grandes empreendimentos, as grandes obras, não costumam enxergar nada além dos procedimentos ambientais conservacionistas, ou seja, não articulam ambiente com os agentes formadores do contingente populacional que ocupam as áreas naturais já transformadas, seus contextos de atuação, construção simbólicas, políticas, econômicas e culturais.

Neste sentido, é importante compreender que os espaços habitados pelos grupos, pelos agentes humanos e não-humanos, são construções da vida que se estabelecem através de formas concretas de realizações humanas e que Ingold (2015, p. 230), acha melhor definir como sendo o “mundo vida”, que articulam seus modos de vida, seus limites e suas operações do saber-fazer através das práticas. Todas e todos, independentemente de suas maneiras de se utilizar das margens do rio, de suas águas, de suas areias, estão ocupando um mesmo ambiente, um ambiente que agrega, que se locomove, que se movimenta, mas que é um sustáculo de todas as práticas existentes e relacionadas e reelaboradas pelos agentes envolvidos, todos e todas estão, em último termo, construindo o ambiente.

O mais importante ainda é, como venho apontando, que há múltiplas maneiras de ser deste rio, assim também, vários são os processos, as relações e as ligações estabelecidas com o rio, um pescador não se relaciona da mesma forma com ele, como faz um agricultor, do mesmo modo que um barqueiro não vivencia a navegação como faz um turista, ou até mesmo um engenheiro que realiza obras de transposição ou construção de barragens. Há modificações das paisagens à medida que estão expostos os interesses para com o rio. E aqui eu não falo de sistemas hierarquizantes, embora este último exemplo dê a entender que o engenheiro esteja estabelecendo tais prerrogativas; pelo contrário, são sistemas de trocas e negociações.

Penso que o rio São Francisco, por ser um rio longo, com aproximadamente 2863 km², que margeia cinco estados e 521 municípios, é composto e se constituiu através de condições híbridas de paisagens e ambientes dos mais diversos e inimagináveis, fruto de longos e diversos processos de perturbação (TSING,

2012), que se estabelecem na medida em que vão se alargando as possibilidades dos encontros e fluxos relacionais, em larga escala. Por perturbação, compreendem-se, dentro da ecologia, eventos que são produzidos e causam modificações nas paisagens e ambientes³.

Perturbações acontecem na medida em que emergem os avanços das políticas imperialistas, do autoritarismo, da destruição ambiental, de projetos de desenvolvimento, como é o caso da hidroelétrica de Xingó, construída em 1994 entre os estados de Alagoas e Sergipe e que modificou e tem ajudado a modificar não só as paisagens, mas as dinâmicas e práticas que são realizadas cotidianamente no rio. Do mesmo modo ocorre com obras como o canal do sertão em Alagoas, um imenso rio construído artificialmente e que cruza o alto sertão até chegar no agreste do estado, percorrendo um total de 250 km e beneficiando mais de um milhão de pessoas, e passando por 42 cidades do sertão e agreste do estado.

Nos últimos anos, a baixa vazão do rio, em função da hidroelétrica de Xingó represar tanta água, além do desmatamento de matas ciliares, do assoreamento dos afluentes, da falta de chuva e da seca prolongada, tem levado a diversas modificações em seu leito. Por exemplo, o aparecimento de bancos de areia no curso do rio, a extinção de espécies nativas de peixes, o aparecimento de peixes marinhos, o surgimento de plantas aquáticas, a salinização da água em cidades mais próximas a foz do rio, como é o caso da cidade de Piaçabuçu em Alagoas e o estreitamento das margens, diminuindo a distância entre Alagoas e Sergipe, e assim comprometendo a navegação e o transporte de passageiros, de carros, caminhões e de produtos por balsas e embarcações, onde não existe a presença de pontes entre os dois estados.

Outra perturbação acelerada é a maior obra hídrica já vista no Brasil, a transposição do rio São Francisco, que tem o objetivo de direcionar água para o semiárido nordestino, contribuindo para abastecer açudes, barragens e rios temporários que secam durante longos períodos de estiagem. A meta da transposição é percorrer 700 km de canais a partir da retirada de água em dois eixos, o leste e o norte. O eixo leste faz a captação de água em Floresta (PE) e leva até outros municípios de Pernambuco e Paraíba, já o eixo norte, retira água de Cabrobó (PE), passando pelos sertões de Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte e em Pernambuco. As duas obras ainda estão em fase de conclusão, mas o recebimento de água nas regiões já pode ser visto desde o ano passado⁴.

Ao longo do tempo, esse rio vem sendo interpretado enquanto um símbolo, enquanto um meio natural já dado e estabelecido e que dele se retiram os recursos necessários para a sobrevivência das comunidades e de toda a bacia hidrográfica⁵. O fato é que desde antes do seu “descobrimento” em 1501, o rio é, em

³ Nas linhas que se seguem, desenvolvo mais sobre o conceito de Perturbação elaborado por Anna Tsing (2012).

⁴ Para mais informações acerca da Transposição, consultar o canal da Agência Nacional de Água, bem como a página do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco, disponível em: <<http://www3.ana.gov.br/portal/ANA/sala-de-situacao/sao-francisco>> <http://cbhsaofrancisco.org.br/2017>, acesso em 19 de novembro de 2018.

⁵ No final do projeto cito alguns trabalhos que versam sobre o rio como um recurso hídrico.

suma, fruto de embates, negociações entre comunidades indígenas, destas com comunidades quilombolas que continuam a desenvolver dinâmicas relacionais, também com pescadores, barqueiros, ambientalistas, bem como fazendeiros, alavancando intervenções, reagrupamentos, realinhamentos, projetos de autonomia uns em relação aos outros, ao passo que estabelecem diálogos com o rio que são tecidos através dos seus corpos sensíveis, dos objetos e técnicas empregadas afim de definir seu caráter íntimo e particular de se engajar com o rio.

O que antes era um rio habitado pelos povos indígenas, viu ao longo dos séculos seguintes o estabelecimento de fazendas de gado, que no sertão encontravam terreno propício ao seu desenvolvimento, junto com os primeiros núcleos de povoamento, transformando o rio em um excelente escoador de produção. Vale ressaltar que durante o estabelecimento de fazendas de gado e da produção agrícola houve uma intensa presença dos povos africanos ao longo das margens do rio, fruto dos processos de escravidão, o que na atualidade pode ser conferido graças à presença de inúmeras comunidades quilombolas na região, tais como: Chifre do Bode e Poço do Sal em Pão de Açúcar, Alagoas; Mocambo em Porto da Folha, Sergipe; Sapé e Palmeira dos Negros em Igreja Nova; Pixain em Piaçabuçu; Oiteiro e Tabuleiro dos Negros em Penedo, além de outras, todas em Alagoas⁶.

Então, volto à Ana Tsing (2012) com o intuito de estabelecer e evidenciar que além de ser um rio múltiplo, o rio São Francisco é também uma diversidade contaminada. Não uma contaminação como usualmente conhecemos, em termos de degradação da qualidade, mas fruto de ações colaborativas entre esses agentes citados acima, e também com outros agentes que não foram, até hoje, percebidos como fundamentais na composição do rio. O rio pode ser visto enquanto ambiente que se molda em ritmos, por vezes mais lentos, perturbações lentas, em que a presença humana é quase desconhecida, e em outros processos de modo mais acelerados, em decorrência dos inúmeros movimentos de fins lucrativos, capitalistas, imperialistas de degradação ambiental.

Assim o rio está vivendo, sendo vivido a partir das relações e os modos de se relacionar com que cada agente – seja ele humano ou não – estabelece fazendo dele seu lugar no mundo. Além do mais, devo salientar que estou diante de um objeto de pesquisa que me é familiar, cujo contato e vivências estão impregnados de memórias e afetuosidades, o que requer um esforço substancial de minha parte, na construção de um trabalho científico com dinâmicas próprias de negociação, sem que saber científico se sobreponha aos meus modos de existir e ser em relação ao rio.

No entanto, assim como um dia eu aprendi a nadar, ainda criança, e cujas lembranças desses momentos iniciais do aprender a nadar não se encontram mais comigo, aprendendo a me relacionar com ele, compartilhando nossos corpos e habitando o seu corpo, de maneira particular, pela vivência já estabelecida pelos meus antepassados, que reproduziam e se vinculavam a partir de seus modos de estabelecer diálogos com tudo que o rio dava em termos de existir.

⁶ Disponível em: <http://www.mulherdireitoshumanos.al.gov.br/relatorios-e-dados/category/23-relatorio-tecnico-sic-servico-de-informacao-ao-cidadao>, acesso em 19 de novembro de 2018.

Para que nada passe despercebido nas páginas dos acontecimentos que desterritorializam a vida e a existência humana, em um esforço particular, preciso fazer movimentos e me permitir reaprender a mergulhar, nadar, para expor e expressar aquilo que, ao longo da minha história, tem ficado submerso todo esse tempo.

O caminho até a outra margem requer, em primeiro lugar, que nos dispamos de nossas vestes, pois diante do rio, ao mergulhar, minhas memórias e pensamentos se convertem para o passado, para algumas mensagens que me fazem voltar para a presença de uma pessoa que um dia eu fui e que quer retornar àquela forma de ser e viver. É por este caminho, então que “há um rio que mergulha em mim...”

“HÁ UM RIO QUE MERGULHA EM MIM”:

*“[...]Há um rio perdido em meu olhar que lume
Mudando os cursos que seu leito tem
Afoga o sol para refletir cardumes
De estrelas velhas quando a noite vem[...]”
(Há um rio em Mim; Mauro Moraes)⁷*

Termino o parágrafo anterior com reticências para sinalizar que o mergulho, ou os mergulhos do rio em mim, são contínuos, são mergulhos dentro das minhas lembranças, das minhas inquietações, das minhas memórias retomadas através dos processos reflexivos dados pela motivação em escrever e narrar os contínuos processos e modificações das paisagens ao longo do rio. O cenário atual então é uma motivação para que a vida enquanto criança e adolescente às margens do rio tome um novo folego após anos esperando se reencontrar com seu dono, assim como um mergulhador precisa voltar à superfície após longos minutos embaixo da água.

Como falei nos primeiros parágrafos deste texto, muitos sonhos têm me conduzido para o encontro do meu corpo ou da minha vida com aquele menino, que todos os domingos, sempre muito cedo, acompanhado dos seus irmãos mais novos e de alguns primos e primas, desciam à beira do rio com seu avô materno que, sentado em sua canoa, nos passava lições valiosas sobre o rio, sobre a arte da navegação e seu amor incondicional. O relato a seguir ainda não é um sonho, é uma lembrança que mantenho acesa dentro de mim, apensar dos incontáveis anos desde o seu derradeiro acontecimento.

Meu avô materno, de nome Odilon, foi pescador, carpinteiro, canoeiro, navegou muito pelo rio à procura de peixes, divulgando e idealizando as corridas de canoas, participando de festas e festejos ligados ao rio, como as procissões flu-

⁷ Música de Mauro Moraes retirada da internet, em 18 de julho de 2018. <https://www.lettras.mus.br/mauro-moraes/ha-um-rio-em-mim/>

viais de Bom Jesus dos Navegantes. E era essa manifestação tradicional e religiosa que fazia com que, sempre no segundo domingo do mês de janeiro, ele saísse chamando todos os netos e as netas, que moravam próximos a ele e com ele, para armar a famosa barraca da família, nos primeiros raios de sol, com o intuito de passarmos o dia todo na beira do rio, à espera da corrida de canoas pela manhã e procissão de Bom Jesus à tarde, junto do restante da família e de amigos vindos de vários lugares de Alagoas, Sergipe, Bahia e Pernambuco. Infelizmente, no ano de 2000, com o seu falecimento, essa tradição não mais passou a fazer parte do nosso calendário, apesar de ainda continuarmos a esperar a corrida de canoas e a procissão (que agora acontece pela manhã, tendo em vista as condições de navegabilidade).

Agora as corridas costumam ser assistidas em outro local, no bar “Toca do Índio, bar pertencente a um dos meus tios, um dos filhos de meu avô materno, e que na época em que ele era vivo costumava ser o estaleiro utilizado para fazer reparos na canoa da família, com o intuito de prepará-la para a tão esperada corrida. Todos os anos, o bar vem servindo de ponto de encontro daquelas mesmas pessoas que frequentavam a barraca feita com cinco madeiras e o pano (vela) que tinha sido da canoa no ano anterior. Ao longo do ano, esses encontros em torno da corrida de canoas são recorrentes, e nunca é da mesma forma, com os mesmos rituais. Mudanças climáticas, condições de vento, nível do rio, interferem diretamente nas corridas. Como é costume dizer, “sem vento a canoa não chega”.

Certa vez, ao assistir à chegada de uma dessas corridas, memórias da infância invadiram nossos olhos, como o tempo nublado que fazia naquela manhã de domingo. À espera da chegada das canoas, em frente à Toca do Índio, olhando fixamente para a Ponta da croa (uma extensa faixa de areia que está localizada na beira do rio, na parte central da cidade), emergiram lembranças da infância passadas naquele lugar, nos chamados calumbis⁸.

Os calumbis eram ambientes que existiam na Ponta da croa, formados por uma árvores que levam o mesmo nome, conhecido em toda cidade, e por outras plantas e árvores, formando um verdadeiro matagal, cuja presença de animais era sempre uma constatare; cavalos, cachorros, cobras, aves, faziam daquele lugar seu habitat. Em relação às pessoas, era um lugar pouco visitado e frequentado, tendo em vista que entrar lá era quase impossível e perigoso, devido às árvores cheias de espinhos e devido às cobras, aranhas, etc. Então, para nós, crianças e jovens, era um lugar proibido, sequer era permitido chegar perto. Se isso ocorresse e nossos pais soubessem, seríamos castigados ou sofreríamos algum tipo de advertência, reclamação ou “pisa”.

Quando meu pai passava com a sua lancha e estávamos no local, era sempre a hora mais tensa, tínhamos que nos esconder para não sermos vistos, o que gerava certa adrenalina. Os calumbis hoje não existem mais, a paisagem se modificou, já que próximo dali se instalou o novo porto da balsa e das embarcações. No lugar da vegetação verde e os animais, temos a presença de imensas dunas de

⁸ Calumbi é o nome de uma árvore, o mesmo que Jurema-Preta.

areia, retiradas entre 2017 e 2018 do fundo e do leito do rio pela dragagem, como forma de facilitar a navegação, devido à baixa vazão do rio. O fato é que essa paisagem, agora inexistente, remonta para lembranças de um tempo em que o rio era mais exuberante, mais vivo e atraente. O lugar que era de diversão, perigo e mistério para nós quando criança, atualmente é tomado pelo porto das lanchas, embarcações e balsas.

Hoje, quando estou sentado na beira do rio, em cima de uma canoa, com a câmera na mão, estabeleço me conectar com aquela criança e jovem que via no rio seu melhor lugar para se viver, para construir laços de amizade, aprender sobre o mundo e sobre ser parte de algo bem maior do que seu ambiente familiar. O rio sempre foi um lugar que ampliava os laços familiares, ele sempre foi e continua sendo o elo, a base de sustentação que une um passado cheio de grandes histórias, de muita pesca, muita fartura, com um presente incerto, carregado de memórias.

É em cima de uma canoa ancorada às margens do rio, em linha reta com o quintal da casa dos meus pais, na cidade de Pão de Açúcar, Alagoas, que eu vejo jovens e adolescentes espalhados pela grande croa, jogando bola, praticando futebol, mulheres e homens fazendo suas atividades físicas (caminhando, correndo, alongando-se), vejo pescadores e barqueiros cuidando das suas canoas e botes, retirando a água que entra com o passar dos dias. Vejo a brisa leve, o pôr do sol, as marolas finas chacoalharem cada embarcação. São famílias e amigos sentados em suas respectivas canoas a conversarem sobre coisas diversas, enquanto crianças tomam banho, mergulham e se refrescam em mais um dia quente. E é assim durante toda semana, as mesmas cenas se repetem, reinventam-se, são reelaboradas, dando continuidade a um mundo repleto de possibilidades de ser.

Quando criança era recorrente atravessar a longa faixa de areia, junto com meu irmão, minha irmã (ambos mais novos), com primos, primas e amigos, até a canoa da família, que servia de parque de diversão para nossas brincadeiras, nossas aventuras (muitas das quais perigosas). Pegávamos a canoa sem que nossos pais e até mesmo nosso avô soubesse, e íamos até a parte que considerávamos ser a mais funda para nosso pequeno tamanho diante da imensidão do rio – isso na metade da década de 1990 –, jogávamos a ancora e começávamos a mergulhar o mais fundo que conseguíamos, cada um limitado pelo controle do fôlego e respiração, sem óculos de mergulho, sem equipamentos de mergulhos, nos sentíamos livres, em contato direto com a energia que brota desta águas. Esta pequena passagem me foi lembrada graças a um sonho que tive recentemente, já imbuído do dever de narrar o rio do amanhã.

Não havia melhor coisa do que nadar no meio do rio, do que tirar um bote (longo passeio utilizando uma boia feita de câmara de ar, geralmente de caminhões e tratores), pelo meio do rio, no fim de tarde e desafiar as ondas, desafiar a ordem dos nossos pais e principalmente, desafiando o medo da morte, do afogamento, conhecendo nossos limites, nossos costumes e nos conectando com o rio, como um turista (talvez) jamais chegaria a sentir, ou até mesmo aquela

criança que mesmo sendo ribeirinha não chego a desfrutar desses processos de se relacionar com o “Velho Chico”. Hoje essas práticas não são tão comuns como há mais de 20 anos atrás.

Da mesma forma, as idas eram constantes ao rio, duas ou três vezes na semana, com a mesma turma, pois sentíamos o prazer e a alegria de poder viver todas essas experiências com o nosso avô, e no processo de se tornar independentes, elaborar nossos próprios caminhos, mergulhos, nado com o rio, para catar ou pegar *saburicas* (camarões pequenos, que vivem escondidos nas locas de pedra, no meio das plantas aquáticas), e com um saco de estopa amarrado no pescoço, mergulhávamos segurando as pontas com os dois braços e passávamos o saco por entre essas plantas e assim, garantíamos nosso almoço ou janta “diferente” naquele dia, dependendo da hora. Era diversão e ao mesmo tempo, como já salientei anteriormente, eram também os caminhos que trilhávamos para conhecer sobre técnicas de pesca, de mergulho, de proteção e educação ambiental, tendo em vista que não fazíamos a cata da *saburica* sempre no mesmo lugar.

Neste sentido, como Ingold (2015), penso que o processo de conhecer deve se basear em experienciar contínuos movimentos de devir próprios da realização humana. Através das experiências, dos encontros e dos caminhos, é que o conhecimento salta dos corpos, da imaginação, da mente e se põe a realizar-se, sem necessariamente estabelecer concepções finalísticas.

É da essência da vida que ela não comece aqui ou termine ali, ou conecte um ponto de origem a uma destinação final, mas, sim que ela continue, encontrando um caminho através da miríade de coisas que se formam, persistem e irrompem em seu percurso. A vida, em suma, é um movimento de abertura, não de um encerramento (INGOLD, 2015, p. 26).

De modo bastante simples, pretende-se chamar a atenção para o fato de que a vida deve ser vivida, sentida e experimentada, construída, realizada e concomitantemente produzida entre contatos, cooperação e interação, e não ser representada, focando em aspectos que emergem nas práticas comunicativas. Em último termo, deve ser este também o papel da antropologia em especial, do fazer antropológico, pois, se assim for, não precisarei traduzir, interpretar, decodificar os processos de interação, de práticas e de modos de pertencer, reivindicar, morar, habitar e construir seus próprios caminhos em múltiplos mundos e ambientes, já que, em suma, estarei também existindo e reivindicando o meu modo de conhecer e ser, em um mundo cujo o modo operante não está pautado nas dicotomias e dualidades, já que também faço parte deste mundo e deste rio que estou propondo redescobrir.

Trafegar e mergulhar até a outra margem, ou às outras tantas margens, é uma exigência que me proponho sempre, mas sabendo que são exercícios de difíceis cumprimentos, pois lidam também com lembranças, memórias, laços afetivos, mas que serão vinculados a movimentos contínuos atribuídos ao fôlego, à resistência das braçadas e à coragem de ir além, assumindo os riscos de nadar as

águas sagradas do rio São Francisco, habitando cada marola⁹ de forma única, nunca em sequência ordenada, nem de modo encenado e teatralizado, mas entregue como um ator que escreve e atua ao mesmo tempo.

Perambulando e habitando pelas águas do ser e fazer-se também margem, não há dúvidas de que tais movimentos não podem ocorrer no isolamento e solidão da pesquisa, é preciso tecer redes (LATOUR, 2012), como fazem os pescadores, como fazem as bordadeiras, que moldam as linhas e fios como instrumento de sustentação e conexão do seu caminho de peregrinação pela vida, para que em sentido amplo e cada vez mais incompleto, possa realizar seu nado, seu mergulho, seu encontro com o real, sendo cada vez mais modificado e modificando seu trajeto através do desejo e vontade de haurir, extrair, beber conhecimento, expô-lo e repassá-lo.

O rio atua como agente não humano (KOHN, 2013), suas águas e seus movimentos, nos faz lembrar, reviver. É um rio que possui corpo, ações, pensamentos e realizações independentes, que se materializam dentro e fora do corpo e estabelecem interações onde a práxis esteja operando e assumindo papel preponderante, interligando pontos que pareciam desconexos, mas que assumem descrições como essenciais nos processos de conhecer. Descrever deve ser mais importante que explicar, já que para Latour (2012), a descrição dá conta de explicar, a partir de modelos que estejam transbordando de detalhes sobre o real, tendo o pesquisador dialogado continuamente dentro dos processos de interação e de forma contínua, vivendo cada nova ligação e cada novo encontro.

É preciso conhecer, deixar se contaminar (TSING, 2015) e entender como os pescadores aprendem a pescar, a se relacionar com o rio, com os peixes, com a canoa, com os ventos, com as marés, com a lua, com outros sistemas de pesca, em um sistema colaborativo. Em que a colaboração estabeleça diálogos capazes de produzir percepções acerca do tempo, não só nos pescadores, mas em todos e todas que estão, de modos distintos, tecendo suas redes de colaborações mútuas e que emergem a partir das percepções individuais e coletivas, assim como tantas outras manifestações corpóreas que se vinculam ao rio. Permitindo ainda que a práxis esteja situada na frente da explicação, que esteja situada antes dos procedimentos de conceituação, o rio como um corpo múltiplo e não múltiplos corpos (MOL, 2005), em dimensões capazes de serem percebidas e postas em evidência através de amplos sistemas de transdução (HELMREICH, 2007).

Nessa linha, o pensamento articulado com a ação e como engajamento pode resultar no acúmulo de conhecimento e trocas que são corrigidas, agrupadas e agregadas de acordo com os contextos anteriores, através dos processos contínuos de registros, sejam verbais, mentais ou até mesmo codificados através de sonhos como forma de linguagem e trocas de informações entre os mundos possíveis e existentes. Assim, ao escolher navegar, mergulhar, nadar com as águas do Velho Chico, e não *nas águas*, implicam outros movimentos epistemológicos,

⁹ Marolas são ondas sem muita força que se formam ao longo do rio e fazem um movimento contrário ao percurso do rio, que é em direção ao mar. Geralmente as marolas se formam na parte da tarde quando há uma maior incidência de ventos.

principalmente pelo fato de poder aprender a estar aprendendo, sinalizando a vontade de estabelecer junto ao rio e aos seus colaboradores, relações simétricas de colaborações mútuas e múltiplas.

Assim, pontuo também o que situa Hélène Artaud (2017), em relação a pesquisas construídas com comunidades tradicionais, que situam seus territórios e vidas no e com o mar, onde as relações estão baseadas na paisagem, sendo demarcadas, identificadas, vividas e construídas a partir de componentes da memória, garantindo seus sentidos de ligação e cujos nomes de lugares, dos caminhos, das comunidades, dão o sentido de ocupação aos ambientes e a construção de suas narrativas de pertencimento e de formulação de práticas características dos seus aspectos de se relacionar com o mar. “Los topónimos aparecen, en efecto, como un medio eficaz de ocupación efectiva del espacio marítimo y contribuyen a crear un paisaje de prácticas, percepciones y recuerdos compartidos” (ARTAUD, 2017, p. 51).

Outro assunto que compõe a abordagem aqui proposta sobre o rio se inspira na pesquisa de Artaud (2017), que dedica uma boa parte de sua pesquisa com as comunidades de pescadores Imrâgen, na Mauritània, tentando decifrar e entender quais os sentidos atribuídos aos nomes de lugares, o que lhes confere como sendo importante no estabelecimento de domínios pelos pescadores, dos ambientes marítimos. Acho válido transpor esse mesmo processo de descoberta e observação para a pesquisa com o rio São Francisco, já que muitos lugares, comunidades, ambientes e paisagens estão denominadas com nomes e termos indígenas, africanos e produzidos pelos próprios pescadores e barqueiros que estabeleceram e estabelecem seus modos próprios de convivência com o rio, o que permite ainda, na linha metodológica desse projeto, vislumbrar uma multiplicidade e diversidade de sentidos, formas, práticas e existência do rio, permitindo um aprofundamento através das narrativas que foram e são produzidas cotidianamente pelos agentes multiespécies que se cruzam e se comunicam.

Só na cidade de Pão de Açúcar temos casos de toponímias que foram atribuídas ao lugar pelos indígenas em relação ao rio, por exemplo Jaciobá, primeiro nome da cidade (linguagem tupi-guarani para se referir ao lugar como sendo o “espelho da lua”); bem como o nome do rio, antes de ser dado o nome do Santo, era chamado pelos indígenas da região, de Opará (rio-mar). Assim, através da fenomenologia ou estudo fenomenológico, compreende-se as relações específicas que se dão entre, por exemplo, um barqueiro com os bancos de areia e o próprio rio, um canoieiro com sua canoa e o rio, o pescador com o rio e o peixe, uma lavadeira de roupa e a margem, um praticante de caiaque com o seu objeto e o rio, o mergulhador, etc. A toponímia, então, estabelece construções temporais e ambientais propícias ao desenvolvimento de práticas e memórias típicas de cada lugar e de cada povo, comunidade e até mesmo individual.

El paisaje descubierto por la toponimia se presenta, así, como el espacio de convergencia de las cualidades objetivas del medio natural y las subjetivas de la sensibilidad y de la memoria: cada topónimo materializa este compromiso entre cualidad real de un lugar y con-

tingencias culturales. Las funciones más importantes del dispositivo toponímico son, así, tanto descriptivas como prácticas, tanto conmemorativas como sensibles, dependiendo de la persona (pescador, morabito, guerrero o mujer) de que se trate (ARTAUD, 2017, p. 62).

Por fim, há um menino que olha o rio, como se olhasse para sua própria vida, seu nascimento, seu crescimento e evolução; com o rio, ele aprendeu a sonhar, aprendeu que cada mergulho é um mundo novo que chega e ao mesmo tempo parte e se vai ao longe; com o rio, ele cresceu, nadou e foi junto para o mar, às vezes na calmaria, às vezes nas marés agitadas; foi se banhando em suas águas que se sentiu por inteiro, livre e sem medo de se banhar cada vez mais longe; com o rio, ele sentiu saudades, pôs-se a chorar nos braços de outros rios, com a vida que se vive sempre quando lá há de voltar; sobre o rio, ele escreveu poesias, fez melodias e com cada verso se inspirou a cantar, sempre olhando suas margens, mesmo não estando lá; sob o rio, deitou em noite de lua cheia, beijou tuas águas e de um mergulho, vive sempre na esperança de voltar. Há nesse menino um rio que corre em suas veias, há um rio que corre em mim, há um rio que deságua em todos os olhos e nunca é o mesmo em cada olhar.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. **O Antropólogo e o Mundo global**; tradução de Francisco Morás.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ARTAUD, Hélène. Una lectura sensible del mar: ecoestesia y toponimia marina de las comunidades de pescadores Imrâgendel banco de Arguin, Mauritania. In: _____; SURRALLÉS, A. (eds.). **Mar Adentro – Tenencia Marina y Debates Cosmopolíticos**. Copenhague: IWGIA 2017. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01779406>.

HELMREICH, Stefan. Um antropólogo debaixo d'água: Paisagens Sonoras Imer-sivas, Ciborgues Submarinos e Etnografia Transdutora. **Caderno Eletrônico de Ciências Sociais**, v. 3, n. 1, p. 174-214, 2015.

INGOLD, Tim. **Estar Vivo**: ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição; tradução de Fabio Creder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

KOHN, Eduardo. **How Forests Think**: toward an anthropology beyond the human.- California: University of California Press, Ltd, 2013.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o Social**: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador/Bauru: Edufba/Edusc, 2012.

MOL, Annemarie. **The Body Multiple**: ontology in medical practice. Durham and London: Duke University Press. 2002.

RABELO, Miriam C. M. Construindo mediações nos circuitos religiosos afro-brasileiros. In: STEIL, Carlos Alberto; CARVALHO Isabel C. de Moura (org.). **Cultura, percepção e ambiente**: dialogo com Tim Ingold. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

TSING, Anna L. In the midst of disturbance: symbiosis, coordination, history, lands-

cape. - ASA Annual Conference 2015: **Symbiotic Anthropologies**: theoretical commensalities and methodological mutualisms. 2015.

_____. Contaminated Diversity in "Slow Disturbance": Potential Collaborators for a Liveable Earth. In: Martin, G; Mincyte, D.; Münster, U. **Why Do We Value Diversity?** Biocultural Diversity in a Global Context. Munich, Rachel Carson Center Perspectives. p. 97-99, 2012.

AUTOR

Igor Luiz Rodrigues da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina
E-mail: igorluizcso@gmail.com